



II JORNADAS INTERNACIONAIS DE **IDADE MÉDIA**

ESPAÇOS E PODERES NA EUROPA
URBANA MEDIEVAL

CASTELO DE VIDE | 5-7 OUTUBRO 2017

PROGRAMA | PROGRAM



Esta iniciativa é financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto: UID/HIS/00749/2013



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	4
COMITÉ ORGANIZADOR	4
INFORMAÇÕES ÚTEIS.....	6
PROGRAMA SOCIAL	8
LANÇAMENTO DO LIVRO	14
CONFERÊNCIA DE ABERTURA	14
CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO	15
SESSÃO 1	16
SESSÃO 2	17
SESSÃO 3	18
SESSÃO 4	19
SESSÃO 5	20
SESSÃO 6	21
SESSÃO 7	22
SESSÃO 8	23
SESSÃO 9	24
SESSÃO 10	26
SESSÃO 11	27
SESSÃO 12	29
LISTA DE ABREVIATURAS	30
ÍNDICE DE COMUNICANTES	31
VISITAS GUIADAS	32
CASTELO DE VIDE	32
AMMAIA	32
MARVÃO	32

CONTENTS

PRESENTATION	5
ORGANIZING COMMITTEE	5
USEFUL INFORMATION.....	7
SOCIAL PROGRAM	9
BOOK PRESENTATION	14
OPENING CONFERENCE	14
CLOSING CONFERENCE	15
SESSION 1	16
SESSION 2	17
SESSION 3	18
SESSION 4	19
SESSION 5	20
SESSION 6	21
SESSION 7.....	22
SESSION 8	23
SESSION 9	24
SESSION 10	26
SESSION 11	27
SESSION 12	29
LIST OF ABBREVIATIONS	30
SPEAKERS INDEX	31
GUIDED TOURS	33
CASTELO DE VIDE	33
AMMAIA	33
MARVÃO	33

APRESENTAÇÃO

As *Jornadas Internacionais de Idade Média* resultam da parceria estabelecida entre o Instituto de Estudos Medievais da NOVA FCSH e o município de Castelo de Vide. Uniram-se, assim, as vontades e a eficácia de um centro de investigação que articula a pesquisa científica com a sua transferência para a sociedade e de uma câmara apostada em investir, de forma sustentada, na cultura, na preservação patrimonial e na formação.

É objetivo das duas instituições transformar estes encontros numa realização anual, que se transforme em foro de discussão dos grandes temas e problemáticas da Idade Média entre especialistas de várias áreas científicas, nomeadamente a história, a arqueologia, a história de arte e a literatura, entre outras. Desta forma, cumpre-se a marca multidisciplinar que singulariza o IEM como a única unidade de investigação portuguesa exclusivamente vocacionada para desenvolver estudos sobre esta época. A escolha de Castelo de Vide para albergar o evento permite aos investigadores imergirem num ambiente propiciatório à reflexão sobre a Idade Média e contribuirá para impulsionar as potencialidades atrativas e patrimoniais desta vila e da região transfronteiriça em que se insere. Pretende-se que, a seu tempo, as *Jornadas Internacionais da Idade Média*, realizadas em Castelo de Vide, venham a marcar o ritmo dos encontros regulares sobre Idade Média a nível internacional.

A II edição das *Jornadas Internacionais de Idade Média* é subordinada ao tema “Espaços e Poderes na Europa Urbana Medieval”. A cidade medieval pode ser encarada como um palimpsesto, capaz de revelar a sociedade que a moldou e ocupa e de exprimir as tensões entre o jogo das forças naturais -determinantes na escolha ou na utilização do sítio- e o que resulta da ação humana, procurando revelar a identidade das paisagens urbanas e periurbanas a partir da interpretação da correlação entre a vivência e a forma. Na verdade, a leitura das paisagens pode ser um meio de apreender o grau e diversidade do corpo social que as ocupa, a maior ou menor concentração populacional, a organização do trabalho, o dinamismo religioso, e sobretudo, a dinâmica dos poderes que sobre ela se exerce. Todavia, a integração da história na análise da forma e evolução dos espaços urbanos e das suas vivências surge como indispensável quando se tem presente que cabe à história a precisão cronológica e sobretudo, o desvendar dos parâmetros que enformavam a sociedade que organizava e ocupava esses espaços.

A análise do espaço tem de levar em conta que a cidade é a forma mais complexa de interdependência entre os homens, organizando a sua existência social mediante formas e regras específicas. No caso das cidades medievais é necessário sempre ter presente que elas integram um fenómeno determinante, de grande envergadura e significado, que se afirmou numa Europa essencialmente ruralizada, pelo que a sua compreensão não pode ser dissociada do entendimento da sua envolvente rural. Inseridas numa sociedade feudal e cristã que considerava o campo como espaço preferencial, as cidades tendiam a afirmarem-se como um corpo em oposição a sistemas de valores dominantes, sendo, portanto um local de tensões e de equilíbrios precários e que apenas podem ser inteiramente entendidas quando se detetam essas influências.

COMITÉ ORGANIZADOR

Amélia Aguiar Andrade (IEM – NOVA FCSH)
Catarina Tente (IEM – NOVA FCSH)
Patrícia Martins (CMCV)
Sara Prata (IEM – NOVA FCSH)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Antonio Collantes de Terán (Universidade de Sevilha)
Antonio Malpica Cuello (Universidade de Granada)
Beatriz Arizaga Bolumburu (Universidade de Cantábria-Santander)
Denis Menjot (Universidade Lyon 2)
Iria Gonçalves (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel del Val Valdivieso (Universidade de Valladolid)
Jean-Luc Fray (Universidade Clermont Ferrand)
Jesús Solórzano Telechea (Universidade de Cantábria-Santander)
José Avelino Gutiérrez González (Universidade de Oviedo)
María Asenjo González (Universidade Complutense de Madrid)
Maria Helena da Cruz Coelho (Universidade de Coimbra)
Mário Barroca (Universidade do Porto)
Michel Bochaca (Universidade de La Rochelle)
Peter Clark (Universidade de Helsínquia)

PRESENTATION

The *International Conference on the Middle Ages* is the result of a partnership between the Institute for Medieval Studies (IMS-NOVA FCSH) and Castelo de Vide municipality. The wishes and competence of a research centre that links scientific research with its transfer to society are joined by a town council committed to investing, sustainably, in culture, heritage conservation and training.

Our aim is to make this conference an annual event, providing discussion forums for the major themes and issues of the Middle Ages, with experts from various scientific fields, including history, archaeology, history of art and literature. This is an opportunity to highlight the multidisciplinary nature of the IMS as the only research unit in Portugal exclusively dedicated to the development of medieval studies. The choice of Castelo de Vide to host these meetings will allow researchers to be part of an appropriate environment for reflection on Medieval Studies. It will also contribute to promoting the attractions and heritage of the town. In due course, our aim is to set the scene for regular international meetings on the Middle Ages with the annual *International Conference on the Middle Ages*, held in Castelo de Vide.

The II edition of the International Conference on the Middle Ages, under the theme “Space and Power in medieval urban Europe”. The medieval city can be faced as a palimpsest, able to reveal aspects about the society by which it has been shaped and occupied, it can also express tensions between the natural forces –crucial for the choosing and the use of the site– and what results from human action. By interpreting the correlation between every-day life and spatial arrangement, the medieval city can also reveal the identity of urban and peri-urban areas. In fact, understanding urban landscapes can be a way to perceive the degree of diversity of its social body, the different levels of population density, the organization of work, the religious dynamism, and most of all, the dynamic of powers at play within.

Nevertheless, it's paramount to integrate history when analysing the shaping and evolution of urban spaces, since it's with history that we are able to achieve chronological precision and unravel the parameters driving the societies who organized and occupied these spaces. Consecutively, space analysis must consider that the city itself is the most complex form of interdependency between people, organizing its social existence by means of specific rules.

When regarding medieval cities we also need to keep in mind that they integrate a determining phenomenon, of large scale and meaning, which has asserted itself in a time when Europe was mostly ruralized. For this reason, the understanding of urban areas cannot take place separately from its country surroundings. Embedded in a Christian feudal society who considered the countryside as the favoured territory, cities usually asserted themselves as a confronting body, opposed to systems of prevalent beliefs. This position naturally made cities a place of tension and unstable balance that can only be fully understood when those influences are identified.

ORGANIZING COMMITTEE

Amélia Aguiar Andrade (IEM – NOVA FCSH)
Catarina Tente (IEM – NOVA FCSH)
Patrícia Martins (CMCV)
Sara Prata (IEM – NOVA FCSH)

SCIENTIFIC COMMITTEE

Antonio Collantes de Terán (Universidade de Sevilha)
Antonio Malpica Cuello (Universidade de Granada)
Beatriz Arizaga Bolumburu(Universidade de Cantábria-Santander)
Denis Menjot (Universidade Lyon 2)
Iria Gonçalves (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel del Val Valdivieso (Universidade de Valladolid)
Jean-Luc Fray (Universidade Clermont Ferrand)
Jesús Solórzano Telechea (Universidade de Cantábria-Santander)
José Avelino Gutiérrez González (Univesidade de Oviedo)
María Asenjo González (Universidade Complutense de Madrid)
Maria Helena da Cruz Coelho (Universidade de Coimbra)
Mário Barroca (Universidade do Porto)
Michel Bochaca (Universidade de La Rochelle)
Peter Clark (Universidade de Helsínquia)

INFORMAÇÕES ÚTEIS

As sessões científicas das *Jornadas Internacionais de Idade Média* decorrem, em simultâneo, em dois espaços: o Cine-Teatro Mouzinho da Silveira e o Auditório da Fundação Nossa Senhora da Esperança. O Cine-Teatro Mouzinho da Silveira funcionará como casa-mãe do evento. Aí se realizam as sessões de *Abertura e de Encerramento*, bem como as *conferências plenárias*. Da mesma forma, é no Cine-Teatro Mouzinho da Silveira que fica instalado o secretariado permanente das Jornadas e aí se oferecem as pausas para café. O local de encontro para a visita guiada a Castelo de Vide é o Cine-Teatro (dia 5, 18:15). A visita de sábado à *Ammaia* e a Marvão parte da paragem de autocarros de Castelo de Vide (08:30). Os ouvintes podem informar-se junto do secretariado sobre a possibilidade de participarem nestas visitas, mediante o número de pessoas inscritas.

O Jantar das *Jornadas* realiza-se no Restaurante D. Pedro V (20:00).

No mapa pode consultar-se a localização dos espaços onde as *Jornadas* irão decorrer, bem como informação adicional sobre infra-estruturas da vila (multibanco, farmácias e Centro de Saúde).

SECRETARIADO

9:00 - 17:00 Cine-Teatro Mouzinho da Silveira (Fechado para almoço entre as 13:15 e as 14:45)

ALMOÇOS PARA COMUNICANTES

13:30 - 14:30 Salão Jardim

TRANSPORTES E VIAGENS

Viagens Câmara Municipal de Castelo de Vide

Aeroporto de Lisboa – Castelo de Vide*

4 de outubro: partida às 18:00

Castelo de Vide – Aeroporto de Lisboa**

7 de outubro: partida às 15:30

(*)Os participantes que se deslocem de avião com bagagem de porão deverão contar com cerca de 1h para recolha da bagagem, bem como possíveis atrasos nos voos. O autocarro partirá à hora marcada e não está sujeito a alterações. O ponto de encontro será dentro do Aeroporto junto às saídas no Balcão de Informação.

(**) A viatura partirá desde a paragem de autocarros de Castelo de Vide

Viagens Rede Nacional de Expressos

Partida (Lisboa, Sete Rios) - 07:30

Chegada (Castelo de Vide) - 11:35

Partida (Lisboa, Sete Rios) - 11:35

Chegada (Castelo de Vide) - 19:10

Partida (Castelo de Vide) - 08:05***

Chegada (Lisboa, Sete Rios) - 12:15

Partida (Castelo de Vide) - 16:04***

Chegada (Lisboa, Sete Rios) - 20:15

(***) Uma vez que não existe bilheteira em Castelo de Vide, os bilhetes da Rede Expressos deverão ser adquiridos online (www.rede-expressos.pt) ou comprados no terminal de Portalegre (primeira paragem depois de Castelo de Vide).

USEFUL INFORMATION

The scientific sessions of the *International Conference on the Middle Ages* will take place simultaneously in two separate areas: *Cine-Teatro Mouzinho da Silveira* and the Auditorium of *Fundação Nossa Senhora da Esperança*. The *Cine-Teatro Mouzinho da Silveira* will also serve as the conference Head Office, hosting the *Opening* and *Closing* sessions, as well as the *plenary conferences*. Also, it will be in *Cine-Teatro Mouzinho da Silveira* where the Conference permanent secretariat will be settled and where the coffee-breaks will be given. The meeting point for the guided tours of Castelo de Vide will also be the Cine-Teatro (18:15). The bus trip to *Amaia* and *Marvão* will be leaving from Castelo de Vide bus stop (08:30). Participants may inquire at the secretariat about the possibility of taking part in these visits, depending on the number of places available.

The *Conference Dinner* will be hosted at the restaurant D. Pedro V (20:00).

In the map you can check the location of the places where the *Conference* will take place, as well as additional information about the village infra-structures (Cash dispensers, pharmacies and Health Centre).

SECRETARIAT

9:00 - 17:00 Cine-Teatro Mouzinho da Silveira (Closes for lunch between 13:30 and as 14:45)

LUNCHES FOR SPEAKERS

13:30 - 14:30 Salão Jardim

TRAVELS AND TRANSPORTATION

Trips offered by the Municipality of Castelo de Vide

Lisbon's Airport – Castelo de Vide*

October 4th: departure at 18:00

Castelo de Vide – Lisbon's Airport**

October 7th: departure at 15h30

(*)Participants travelling by plane with hold baggage should count with an average of 1h for retrieving your belongings. Possible flight delays should also be taken into account. The bus will leave at the established time and will not allow changes.

(**) The bus will leave from the Castelo de Vide bus stop.

Bus trips by Rede Nacional de Expressos

Departure (Lisbon, Sete Rios) - 07:30

Arrival (Castelo de Vide) - 11:35

Departure (Lisbon, Sete Rios) - 11:35

Arrival (Castelo de Vide) - 19:10

Departure (Castelo de Vide) - 08:05***

Arrival (Lisbon, Sete Rios) - 12:15

Departure (Castelo de Vide) - 16:04***

Arrival (Lisbon, Sete Rios) - 20:15

(***) Since there is no ticket office at Castelo de Vide, bus tickets must be purchased online (www.rede-expressos.pt) or bought at the Portalegre Terminus (first stop after Castelo de Vide).

PROGRAMA SOCIAL

5 de Outubro, 5^ªf

18:15 Visita guiada a Castelo de Vide (Castelo e Burgo Medieval, Judiaria e Museu da Sinagoga, Fonte da Vila). Ponto de encontro: Cine-Teatro Mouzinho da Silveira.

6 de Outubro, 6^ªf

20:00 Jantar das Jornadas no Restaurante D. Pedro V (Praça de D. Pedro V n.º 10)

7 de Outubro, Sábado

8:30 Visita à cidade romana Ammaia e centro histórico de Marvão. Ponto de encontro: Paragem de autocarro de Castelo de Vide

12:30 Almoço no Jardim Garcia d'Orta

SOCIAL PROGRAM

October 5th, Thursday

18:15 Guided tour to Castelo de Vide (Castelo e Burgo Medieval, Judiaria e Museu da Sinagoga, Fonte da Vila). Meeting point: Cine-Teatro Mouzinho da Silveira

October 6th, Friday

20:00 Conference Dinner at Restaurante D. Pedro V (Praça de D. Pedro V n.º 10)

October 7th, Saturday

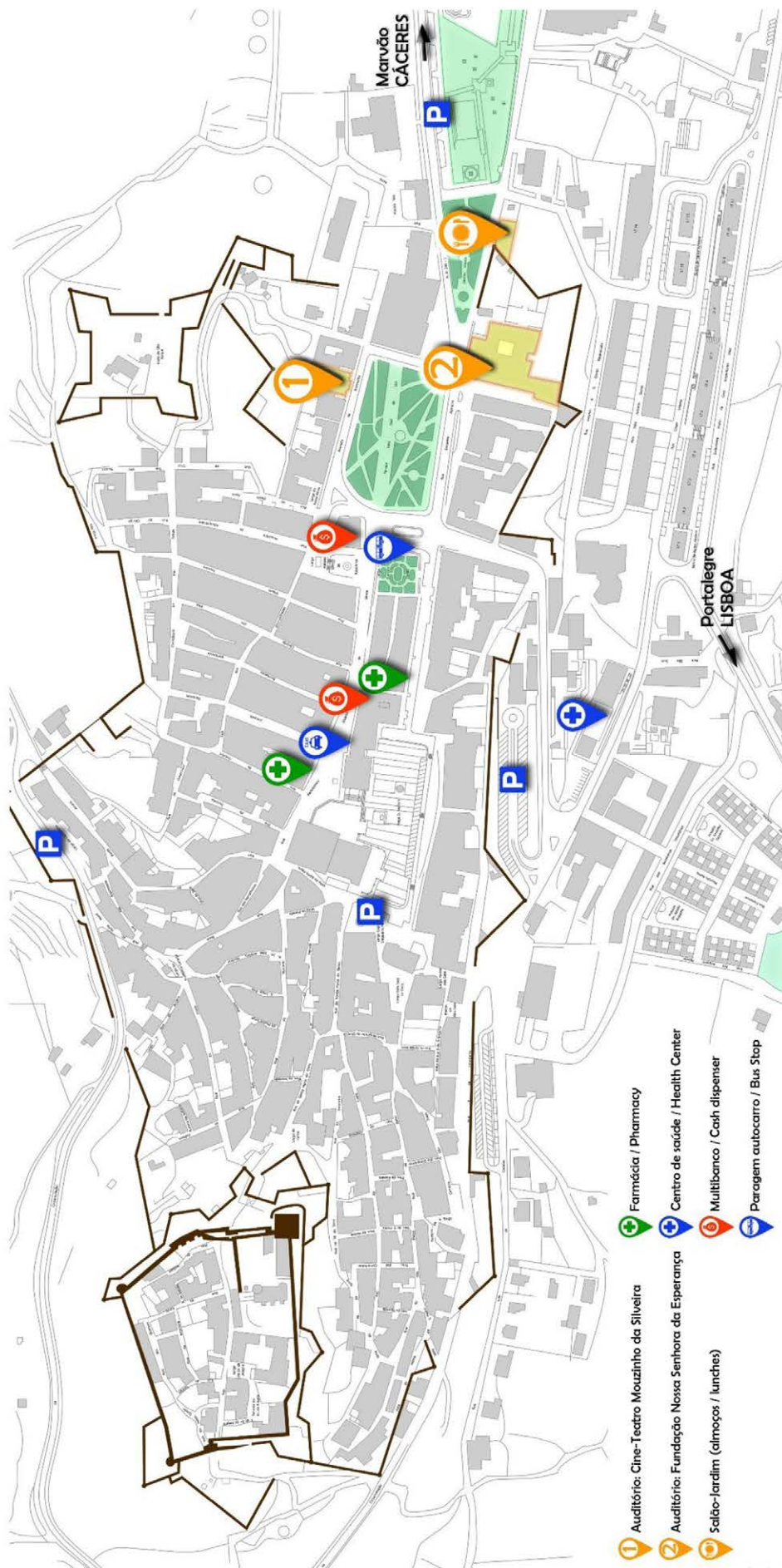
8:30 Visit to the roman city Ammaia and Marvão historical centre. Meeting point: Castelo de Vide bus stop.

12:30 Lunch at the Jardim Garcia d'Horta.

II JORNADAS INTERNACIONAIS DE IDADE MÉDIA

ESPAÇOS E PODERES NA EUROPA URBANA MEDIEVAL

CASTELO DE VIDE | 5-7 OUTUBRO 2017





Cine-Teatro Mouzinho da Silveira



Fundação Nossa Senhora da Esperança



Salão Jardim

5 de Outubro, 5ª f		
Local:	Cine-Teatro Mouzinho da Silveira	Fundação Nossa Senhora da Esperança
09:30	Registo	
10:00	Abertura	
10:15	Lançamento de Livro	
10:45	Conferência de Abertura	
11:30	Pausa café	
11:50	Sessão 1	Sessão 2
13:30	Pausa para almoço	
14:45	Sessão 3	Sessão 4
16:00	Pausa café	
16:30	Sessão 5	Sessão 6
18:15	Visita a Castelo de Vide	
18:30	Reunião do Comité Científico	

6 de Outubro, 6ª f		
Local:	Cine-Teatro Mouzinho da Silveira	Fundação Nossa Senhora da Esperança
09:30	Registo	
10:00	Sessão 7	Sessão 8
11:30	Pausa café	
11:50	Sessão 9	Sessão 10
13:30	Pausa para almoço	
14:45	Sessão 11	Sessão 12
16:15	Pausa café	
16:45	Conferência 2	
17:30	Debate final e conclusões	
18:00	Conferência de Encerramento	
18:30	Reunião do Comité Científico	
20:00	Jantar das Jornadas	

7 de Outubro, Sábado	
08:30	Visita à Ammaia e Marvão (ponto de encontro: paragem de autocarros)
13:00	Almoço de convívio (Jardim Garcia d'Orta)

October 5 th , Thursday		
Local:	Cine-Teatro Mouzinho da Silveira	Fundação Nossa Senhora da Esperança
09:30	Registration	
10:00	Opening	
10:15	Book presentation	
10:45	Opening Conference	
11:30	Coffee break	
11:50	Session 1	Session 2
13:30	Lunch break	
14:45	Session 3	Session 4
16:00	Coffee break	
16:30	Session 5	Session 6
18:15	Visita a Castelo de Vide	
18:30	Scientific committee meeting	

October 6 th , Friday		
Local:	Cine-Teatro Mouzinho da Silveira	Fundação Nossa Senhora da Esperança
09:30	Registration	
10:00	Session 7	Session 8
11:30	Coffee break	
11:50	Session 9	Session 10
13:30	Lunch break	
14:45	Session 11	Session 12
16:15	Coffee break	
16:45	Closing Conference	
17:30	Final debate and conclusions	
18:00	Closing session	
18:30	Scientific committee meeting	
20:00	Conference Dinner	

October 7 th , Saturday	
08:30	Fieldtrip to Ammaia and Marvão (meeting point: bus stop)
13:00	Lunch gathering (Jardim Garcia d'Orta)

LANÇAMENTO DE LIVRO/BOOK PRESENTATION

“O PAPEL DAS PEQUENAS CIDADES NA CONSTRUÇÃO DA EUROPA MEDIEVAL”

Denis MENJOT (U. Lumière Lyon 2)

A presente obra resulta dos trabalhos e debates que tiveram lugar na primeira edição das Jornadas Internacionais de Castelo de Vide (Outubro de 2016). As várias partes em que o volume se divide correspondem quer a eixos conceptuais norteadores da investigação das pequenas cidades medievais já realizada e a realizar, quer a exemplos de abordagens possíveis a esta temática.

Os textos iniciais estiveram a cargo de grandes especialistas que impulsionaram a temática e têm vindo a desenvolver os estudos comparativos. Os restantes textos permitem fazer o percurso por alguns centros urbanos europeus de média e pequena dimensão, privilegiando-se múltiplos olhares, focados quer na sua materialidade, na organização do espaço, nas funções económicas, no domínio jurisdicional, nas suas elites e, finalmente, nos fluxos em que se integram. Esta multiplicidade de olhares é devida não apenas às diferentes matérias abordadas, mas também à diversa formação científica dos autores, à alargada cronologia das análises realizadas e à relativa abrangência geográfica considerada (essencialmente, Península Ibérica e em França).

NOTA BIOGRÁFICA

Agrégé docteur d'Etat, Assistant, puis Maître de conférences à Nice 1972-1990, Pr à Strasbourg de 1990 à 1996. Pr à Lyon 2 depuis 1996. De 1996 à 2010, co-directeur avec Manuel Sánchez Martínez d'une équipe internationale franco-hispano-italo-portugaise (CNRS / CSIC) sur *Les fiscalités urbaines dans l'Occident méditerranéen bas Moyen Age au bas Moyen Age*. Directeur scientifique avec Manuel Sánchez Martínez et Pere Verdés de l'équipe du *Dictionnaire multilingue de fiscalité médiévale de l'Occident méditerranéen*. Membre de la European Association of Urban History, président de 2006 à 2008. Participation à plusieurs réseaux de recherche, dont de 2009 à 2015 le GDRE AILP dirigé par Georges Martin, le réseau Arca Communis depuis sa création en 2010. Responsable section fiscalité du *Diccionario de Historia Medieval Ibérica*. Président de la Société Française d'Histoire Urbaine. Membre correspondant de la Real Academia de la Historia ; membre du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques ; membre du comité scientifique international des International meetings de Nájera ; directeur de la revue *Histoire Urbaine* depuis 2006 ; co-directeur avec Jean-Luc Pinol de la collection *VILLES, histoire, culture, société*, chez l'Harmattan ; membre du comité scientifique de l'*Anuario de Estudios Medievales*, des *Cahiers du Cemyr*, de *e-spania*, de *Temas medievales* et de *Medievali* (e-revue portugaise).

CONFERÊNCIA DE ABERTURA/OPENING CONFERENCE

LA MADINAT AL-HAMRA COMO UN ESPACIO DEL PODER EN GRANADA

Antonio MALPICA CUELLO (UG)

A partir de una serie de reflexiones sobre lo que significa el poder y su encarnación en el Estado, en este caso la dinastía nazarí, señalamos la conformación de la ciudad palatina de la Alhambra y su organización a lo largo de un dilatado período. Por eso mismo podemos establecer los puntos de partida de su formación y las claves que quiere expresar para su significación ideológica y su implantación como sociedad islámica.

NOTA BIOGRÁFICA

Antonio Malpica Cuello es Catedrático de Historia Medieval de la Universidad de Granada

Doctor en Historia por la Universidad de Granada. Su campo de especialización es la arqueología Medieval y el estudio de la organización del espacio. En particular se preocupa de los cambios ocurridos de la época musulmana a la cristiana en el reino nazarí de Granada.

Ha realizado excavaciones y prospecciones arqueológicas en el marco de diferentes proyectos, tanto en España como en El Cairo (Egipto) y Ramalla (Palestina).

Ha sido lo investigador principal en varios proyectos de investigación, destacando los de la DGICYT como lo «Estudio del poblamiento,

su distribución y transformación en la cuenca del Guadiana Menor durante la Prehistoria, Edad Antigua y época medieval»; o de «Las salinas de Andalucía oriental. Estudio histórico y arqueológico», uno sobre «Los asentamientos medievales en la frontera entre el reino de Granada y Castilla (ss. XIII-XV)», lo de «El poblamiento rural en el sector central de la frontera del reino nazarí de Granada. La tierra de Loja, Los Montes, Guadix y Baza» e uno sobre «La ciudad y su territorio en época nazarí».

Asimismo ha dirigido otros proyectos financiados por otras entidades, de entre ellos la

«Análisis de las secuencias del poblamiento medieval de la Costa granadina» y lo «Programa de investigación arqueológica 2001 en el conjunto monumental de la Alhambra y del Generalife», ambos financiados por la Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía.

Ha impartido diversos cursos y seminarios en universidades europeas (Italia y Francia), del Norte de África (Marruecos) y de Oriente Próximo (Jerusalén y Beirut) y es autor de numerosas libros y publicaciones nacionales y internacionales.

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO/CLOSING CONFERENCE

POUVOIRS DANS L'ESPACE URBAIN ET ESPACES DES POUVOIRS URBAINS: EXEMPLE DE LA MUNICIPALITÉ DE BAYONNE (MILIEU XIII^e – DÉBUT XVI^e SIÈCLE)

Michel BOCHACA (ULR)

Entre le début du XIII^e et le début du XIV^e siècle, le développement institutionnel de la commune de Bordeaux s'accompagne de la construction de deux nouvelles enceintes qui entraîne une importante dilatation de l'espace urbain intra muros. Ce dernier quintuple, passant de 32 à 175 hectares. La cohabitation au sein de cet espace entre la nouvelle municipalité et les pouvoirs déjà en place, tant laïques (roi-duc et officiers ducaux) qu'ecclésiastiques (archevêque, chapitres Saint-André et Saint-Seurin, abbaye de Sainte-Croix) est rendue plus complexe par l'absence de charte communale. Au gré des conflits avec les juridictions voisines ou concurrentes, le maire et les jurats de Bordeaux assoient progressivement leur autorité non seulement sur la ville mais aussi sur les campagnes environnantes.

À partir de la seconde moitié du XIV^e siècle, le rôle clé de Bordeaux dans la défense du duché d'Aquitaine permet à la municipalité de jouir de larges pouvoirs en matière de justice, de police et de fiscalité sur la ville et sa banlieue, en contre partie de son attachement à la cause anglaise. Après la conquête française de 1453, passé une période de défiance, la commune récupère ses anciennes prérogatives, voire les accroît, mais en les exerçant désormais sous l'étroite surveillance des représentants du roi de France. La commune disposant d'une large autonomie à l'époque des Plantagenêts se transforme en une « bonne ville », relais du pouvoir royal. Cette évolution constitue un indice de l'intégration de Bordeaux dans l'espace français, préalable à la mue de la ville en une capitale provinciale à l'époque moderne.

NOTA BIOGRÁFICA

Professeur d'histoire médiévale à l'université de La Rochelle. Équipe de recherche : UMR 2276 LIENSs (CNRS – Université de La Rochelle).

Thèse d'université : La banlieue de Bordeaux au Moyen Âge et au début de l'époque moderne. La formation d'une juridiction municipale suburbaine (vers 1250 - vers 1550) - soutenue en 1991. Publication : La banlieue de Bordeaux. La formation d'une juridiction municipale suburbaine (vers 1250 - vers 1550), Paris, L'Harmattan, 1994.

Habilitation à Diriger des Recherches : Villes et structuration de l'espace en Bordelais (fin de l'Antiquité - milieu du XVI^e siècle) – soutenue en 2000. Publication : Villes et organisation de l'espace en Bordelais (vers 1300-vers 1550), Paris, Les Indes savantes, 2015.

Thèmes de recherche : villes portuaires (topographie, économie, société), gens de mer et activités maritimes (pêche, commerce), navigation et représentation de la mer (cartes marines, portulans et routiers, récits de voyage par mer).

Période d'étude : Bas Moyen Âge et début de l'époque moderne (XIV^e siècle – première moitié du XVI^e siècle).

Espaces étudiés selon les thématiques :

Villes portuaires : Bordeaux et son diocèse, Bayonne et la basse vallée de l'Adour - comparaison à l'échelle du golfe de Gascogne et de l'Europe atlantique

Gens de mer et navigation : le littoral atlantique de l'Europe et les mers bordières du Ponant

SESSÃO/SESSION 1

A CIDADE, OS PODERES E O MAR: AS INTERVENÇÕES DOS PODERES NO ESPAÇO URBANO DAS CIDADES PORTUÁRIAS IBÉRICAS (SÉC. XIV-XV)

Organização: Gonçalo Melo da SILVA (IEM – NOVA FCSH)

Moderador: Beatriz ARÍZAGA BOLUMBURU (UNICAN)

Nos séculos XIV e XV, as vilas e cidades portuárias eram núcleos populacionais urbanizados localizados em zonas litorais, muito frequentemente em associação com cursos fluviais, usufruindo de graus de auto-governo variáveis e da monumentalidade dos seus edifícios, como as muralhas, bem como de espaços e infraestruturas específicas, como a Ribeira ou o porto, que permitiam o contacto com áreas longínquas. Nelas se instalavam sociedades com grupos socioeconómicos específicos, como os mareantes, e capazes de potenciar a presença e integração de estrangeiros.

Pretendemos analisar as estratégias de afirmação dos poderes presentes nas cidades portuárias e, principalmente, as suas implicações sobre a organização do espaço urbano através do estudo de três casos e ângulos distintos localizados na península ibérica.

Procuraremos, assim, contribuir para responder a algumas questões que surgem quando estudamos a presença dos poderes nos núcleos urbanos portuários: Quais os poderes e agentes atraídos pelas cidades portuárias? De que forma as suas estratégias de afirmação se relacionam com o espaço urbano? Existe uma preferência pela área portuária? A escala da cidade implica adaptações? Como são recebidas pelos restantes poderes presentes na cidade?

Em suma, esperamos demonstrar o papel importante das estratégias dos poderes na configuração e vivência da paisagem urbana medieval.

¿PLEITEAR O CONSTRUIR? POLÍTICAS DEL CONCEJO DE LAREDO PARA EL ABASTECIMIENTO DE LA VILLA DURANTE LA BAJA EDAD MEDIA

Javier AÑIBARRO (UNICAN)

Laredo es una villa portuaria castellana situada en el norte de la península ibérica. Esta villa fue denominada “cabeza” de las conocidas como “Cuatro Villas de la Costa de la Mar” (San Vicente de la Barquera, Santander, Laredo y Castro Urdiales), pero esa situación de preminencia estuvo amenazada por otras villas y aldeas vecinas, que cuestionaron su autoridad durante la Baja Edad Media. En un primer momento el concejo optó por acudir a la justicia y proteger los privilegios de su Fuero frente las villas y aldeas vecinas que desafiaban su autoridad. Después, hacia 1450, Laredo optó por una nueva estrategia: mejorar sus infraestructuras de comunicación, en especial su puerto, para convertirse en un punto de referencia y competir con mayor eficacia contra sus adversarios. Sin embargo, una serie de decisiones políticas, unidas a la naturaleza climática adversa, provocaron que el concejo tuviera que abandonar varias veces el proyecto de construir un muelle sólido. Como consecuencia, Laredo tardó demasiado en disponer de unas infraestructuras adecuadas y fue cayendo en decadencia a medida que llegaba la Edad Moderna.

EL PUERTO COMO ESPACIO DE MEDRA DE LA ÉLITE EN LAS POLAS MARÍTIMAS DE LA ASTURIAS MEDIEVAL

Álvaro Solano FERNÁNDEZ-SORDO (UNIOVI)

Las polas son —exceptuando Oviedo— los únicos centros urbanos de la Asturias bajomedieval, y entre ellas las villas portuarias alcanzarán un mayor desarrollo morfológico, político y socio-económico. No extraña en una región marcada por la pobreza de recursos, una geografía enormemente agreste y un discreto lugar en la política nacional y las redes comerciales internacionales. Así, los núcleos portuarios serán las más privilegiadas cabeceras territoriales, permitiendo la comunicación regional con el exterior político y socio-económico.

Entre ellos destacan las villas de Avilés, Llanes y Villaviciosa. Tres poblaciones volcadas hacia la mar con diversas morfologías portuarias — villa con puerto sobre una ría, villa con puerto en mar abierto y villa sin puerto al fondo de una ría navegable — que alcanzarán diferente grado de desarrollo económico, político y social.

Suponen un excelente laboratorio comparativo para cuestionar los mecanismos de atracción del puerto y sus negocios para con los representantes de sus élites locales a fines del Medievo: ¿utilizan estos individuos el puerto como plataforma para alcanzar el poder político y la preeminencia social? ¿O, más bien, una vez instalados en el poder monopolizan los negocios portuarios? Y, ¿dónde quedan los forasteros que medran aquí? ¿Acaban asentándose y ocupando puestos de responsabilidad?

A EXPERIÊNCIA DE UM MERCADOR PISANO NAS CIDADES PORTUÁRIAS IBÉRICAS DO SÉCULO XV: RELAÇÕES, PODERES E ESPAÇO URBANO

Ana Clarinda CARDOSO (CHAM – NOVA FCSH/UAc; CITCEM/UP); Joana SEQUEIRA (CHAM – NOVA FCSH/UAc; CITCEM/UP)

Michele da Colle, mercador-banqueiro da Companhia Salviati de Pisa, estabeleceu-se em Lisboa entre 1462 e 1475. Antes de aí ter chegado, viveu durante cerca de 5 anos na cidade de Valência. Esta primeira paragem foi importante, não só para a formação deste jovem mercador, mas também para o estabelecimento e solidificação dos seus contactos comerciais e financeiros com os mais destacados mercadores italianos.

Nesta comunicação, iremos observar de que forma Michele da Colle articulou os seus interesses entre estas duas cidades portuárias, analisando a sua viagem entre Valência e Lisboa, atentando nas paragens estratégicas que realizou (Sevilha, Cádiz e Tavira). Procurar-se-á perceber de que forma se interligou com os distintos espaços urbanos, qual o papel destas cidades no conjunto dos negócios do mercador, quais os fatores de atração de cada uma e que possíveis articulações e/ou relações de hierarquia existiriam entre as mesmas. Apurar-se-á ainda o nível de integração do mercador nestes espaços urbanos, a sua rede de relações com os poderes e as sociedades e ainda quais as infraestruturas urbanas de que se serviu para suporte à sua estadia e atividade.

SESSÃO/SESSION 2

O ESPAÇO URBANO ISLÂMICO PENINSULAR: PERSPECTIVAS DESDE A ARQUEOLOGIA

Moderador: Catarina TENTE (IEM – NOVA FCSH)

BALANÇO DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS RECENTES DESENVOLVIDOS EM MÉRTOLA

Virgílio LOPES (CAM)

Pretende-se com esta comunicação fazer uma retrospectiva da topografia histórica de Mértola e dar conta das actuais investigações arqueológicas e das apostas na criação de novos espaços museológicos que estão a decorrer na vila e no concelho, numa perspectiva de desenvolvimento sustentável. Terão especial destaque as escavações arqueológicas que estão a ser levadas a cabo na Casa Cor de Rosa, situada no coração do casco urbano, e que estão a por a descoberto estruturas monumentais e um conjunto de estatuária do período romano.

UN PLANTEAMIENTO INICIAL PARA EL ESTUDIO DE LAS ALCAICERÍAS EN CIUDADES SECUNDARIAS DEL REINO NAZARÍ

María del Carmen JIMÉNEZ ROLDÁN (UG)

Esta comunicación presenta dos ejemplos, Guadix y Baza, ciudades de segundo rango en el Reino Nazarí, pero de las que, gracias a las descripciones de los autores árabes, sabemos que jugaban un destacado papel en el entramado comercial del reino. Tanto es así, que en alguna ocasión se ha planteado la existencia de una posible alcaicería en cada una de estas ciudades. La importancia de las alcaicerías como espacios de comercio ha sido ya tratado. Sabemos que eran espacios propiedad de los reyes nazaríes. Tras la conquista del reino siguieron manteniendo esta importancia, aunque tan solo las de las tres ciudades principales: Granada, Almería y Málaga. Poco es lo que conocemos de estos espacios en ciudades de menor tamaño.

El objetivo de esta comunicación es revisar que se ha escrito hasta el momento sobre las mencionadas alcaicerías de Guadix y Baza y plantear las líneas de trabajo para conocerlas más a fondo: ¿Dónde se situaban? ¿Se comerciaba en estos espacios con productos de lujo o no? ¿Eran propiedad de los reyes nazaríes o no?

O CASTELO DE ALCÁCER DO SAL – DA FORTIFICAÇÃO ISLÂMICA ÀS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS DURANTE O DOMÍNIO CRISTÃO

Marta LEITÃO (NOVA FCSH)

O castelo de Alcácer do Sal, hoje bastante modificado pela edificação da pousada, constitui o resultado de diferentes etapas de construção e reformulação decorridas ao longo das Idades Média e Moderna, desde a edificação do palácio fortificado no século IX, passando pela sua adaptação aos Paços da Ordem de Santiago no século XIII e, posteriormente, no século XVI, com a implantação de um convento. A presente comunicação-poster pretende, através da análise dos paramentos construtivos,

vestígios arqueológicos e fontes escritas, dar a conhecer as distintas transformações ocorridas na fortificação desde a ocupação muçulmana à instalação dos freires da Ordem de Santiago.

MESQUITA DE PERÍODO ALMÓADA NA RUA DA MISERICÓRDIA, EM SILVES?

Miguel Cipriano COSTA (Investigador independente)

Nos trabalhos arqueológicos efectuados no decorrer da IIª fase do programa POLIS, na cidade de Silves, identificámos materiais e estruturas arqueológicas islâmicas que consideramos importantes divulgar. Nomeadamente, uma fossa detritica de período Almóada que incluía materiais arqueológicos de grande relevância.

E também uma estrutura arqueológica orientada para SSE, que parece configurar uma qibla, na qual se observa o respectivo mihrab e um minarete conectado. Na malha urbana da actual cidade, podemos verificar que a actual habitação, que se teria desenvolvido em isotopia com esta estrutura arqueológica, apresenta uma forma trapezoidal, sendo que no lado SSE desta habitação (o lado maior do referido trapézio) foi onde se identificou a inferida qibla.

SESSÃO/SESSION 3

FORMAS DE AUTO-REPRESENTAÇÃO E DE APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO URBANO PELAS ELITES MEDIEVAIS PORTUGUESAS I

Organização: Miguel Metelo de SEIXAS (IEM - NOVA FCSH; CHAM - NOVA FCSH; UAc); Carla Varela FERNANDES (IEM – NOVA FCSH)

Moderador: João Luís FONTES (IEM – NOVA FCSH; CEHR – UCP)

A presente proposta temática abrange duas sessões subordinadas ao tema comum dos recursos simbólicos de identificação das elites urbanas medievais portuguesas. Procurou-se, para esse efeito, abranger diversos desses recursos: uns prendem-se directamente com as expressões plásticas de auto-representação das elites em causa, como a tumulária, a sigilografia e a heráldica; outros ligam-se à construção e gestão da sua memória colectiva, quer por via da constituição de arquivos próprios, quer pela cronística emanada da Coroa, quer ainda pela inserção numa sociabilidade religiosa consubstanciada em confrarias. Em resultado desta análise diversificada, fruto de cruzamentos interdisciplinares, pretende traçar-se um retrato amplo de uma série de elementos endógenos e exógenos que, ao longo da Idade Média, foram utilizados pelas elites urbanas portuguesas para a construção da sua identidade simbólica.

SINAIS MULTIFORMES DE IDENTIDADE: AS CONFRARIAS NA LISBOA MEDIEVAL

Mário FARELO (IEM – NOVA FCSH; CEHR – UCP; CHUL)

A pertença e direção das instituições assistenciais constituíam, desde o período medieval, sedutores elementos de afirmação daqueles que se poderiam incluir na «elite» de um determinado burgo. Não sendo possível aferir plenamente a justeza deste axioma para o caso da Lisboa medieval, por manifesta insuficiência documental, a presente intervenção pretende caracterizar o fenómeno confraternal na Lixbona medieva à luz da evolução cronológica, tipológica e organizacional da rede de confrarias criadas na urbe entre os séculos XIII e XV.

ESPAÇOS DE PODER CIDADINOS E SINAIS DE IDENTIDADE: CATEDRAIS, COLEGIADAS E OS SEUS SELOS NO PORTUGAL MEDIEVAL

Maria do Rosário MORUJÃO (FLUC; CHSC – UC; CEHR – UCP)

Num país onde o tabelionato régio rapidamente se impôs, os selos não conheceram a difusão social que tiveram em outros reinos onde a implantação desses profissionais da escrita foi mais tardia. Por esse motivo, as elites urbanas não parecem ter sentido necessidade de possuir selos, dado que, quando precisavam de um documento escrito de reconhecida autenticidade, podiam recorrer a um dos tabeliães do concelho. A excepção eram os membros das elites eclesiásticas citadinas, pertencentes aos cabidos de catedrais e colegiadas, de que conhecemos selos desde os inícios do século XIII.

Os selos são sinais de identidade, símbolos representativos de quem os possuía, da função ou cargo que ocupava e/ou da família a que pertencia. Nesta comunicação iremos analisar como, entre os séculos XIII e XV, estes membros do clero se fizeram

representar nas imagens sigilares e se identificaram nas legendas dos selos, procurando estabelecer tendências e padrões e aproximar-nos, o mais possível, da noção de identidade difundida através deste meio.

HERÁLDICA E APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO URBANO

Miguel Metelo de SEIXAS (IEM - NOVA FCSH; CHAM - NOVA FCSH; UAc)

Um preconceito persistente tende a associar heráldica e estatuto nobiliárquico. Contudo, a análise dos emblemas identificativos das elites urbanas portuguesas na Idade Média permite observar outro tipo de diversidade nos seus recursos heráldicos. Conforme o fenómeno a que se tem chamado de “famílias heráldicas”, estes emblemas podem agrupar-se segundo uma clássica lógica de grupos de parentesco, comum no segmento nobre, mas geram-se também consoante outros alinhamentos sociais, culturais e institucionais. Tais emblemas traduzem, assim, a diversidade das filiações consideradas relevantes para a construção da auto-representação das elites urbanas, quer consideradas num quadro estritamente familiar, quer noutros enquadramentos identitários. O panorama que se colhe da heráldica destas elites revela-se portanto complexo, em plena correspondência com o seu estatuto social fluido.

SESSÃO/SESSION 4

ESPAÇOS E PODERES: ABORDAGENS TRANSVERSAIS I

Moderador: Catarina TENTE (IEM – NOVA FCSH)

A MOBILIZAÇÃO DE COMBATENTES COMO FOCO DE CONFLITOS ENTRE AS ORDENS MILITARES E OS PODERES CONCELHIOS NOS SÉCULOS XIII-XV

Leandro FERREIRA (CEPESE – UP)

Esta comunicação pretende analisar o recrutamento e a mobilização de milícias concelhias pelas Ordens Militares (séculos XIII-XV) e a forma como a Coroa portuguesa solucionou os conflitos e tensões originados entre os poderes urbanos e essas instituições. Como os exércitos das Ordens Militares eram pouco numerosos, essas instituições serviam-se frequentemente da mobilização de outros corpos de combatentes para compor a hoste mobilizada, entre os quais se denota uma especial incidência de efetivos provenientes de milícias concelhias. Esta situação levava a que a Coroa necessitasse de promulgar sentenças devido aos conflitos e tensões originados, como o revela, por exemplo, um documento de 1341, em que é anunciada a prática de mobilização das milícias concelhias de Setúbal, lideradas pela Ordem de Santiago, quando era reunida a hoste régia.

Para atingir esses objetivos, a investigação focar-se-á essencialmente na análise de documentação régia, para, assim, compreender, por um lado, se aquela realidade representava uma necessidade para garantir o maior volume das forças mobilizadas ou se se tratava de uma estratégia de desenvolvimento de poder sobre outros. Por outro lado, tentar-se-á perceber como era feita a articulação entre os efetivos das Ordens Militares e o recrutamento de outros homens para integrar os seus exércitos.

THE MERCATOR-E PROJECT. ANALYSING THE HISTORICAL POWER STRUCTURES THROUGHT THE TRANSPORT INFRASTRUCTURES

Pau de SOTO (NOVA FCSH)

The impact of power structures (political, economic and social) can be analysed from the composition of transport infrastructures in their territory. The Mercator-e project is designed to analyse the diachronic social, political and economical repercussions of the transport infrastructures during several periods of the Iberian Peninsula. This project offers a new approach to the study and knowledge of the historical infrastructures using an integrated approach joining multi-proxy analysis and the study of archaeo-historical sources will be applied. Analysing the transport communication networks in various time scopes will offer to the academic community new quantified data about the infrastructures morphology and their impact in the political and economical evolution of these territories.

This project offers a new approach to the study and knowledge of the historical infrastructures. From the use of the Network Analysis to study the infrastructures, a set of completely new data is being generated to understand and visualise the transport changes and the evolution of the territorial configuration. This project will provide a breakthrough in the analysis of transport in

big territories. The Mercator-e methodology takes into account elements such as highly digitised communication networks and historical vehicle characteristics to generate outstanding results.

O PODER DA ESCRITA E O TABELIONADO NA CIDADE DE LISBOA

Ana Pereira FERREIRA (CHUL; PIUDHist)

Pretende-se abordar uma temática que tem vindo a ser cada vez mais estudada a nível internacional, sobre o poder da escrita na época medieval e em como o documento se tornou prova primordial face à tradição oral anterior, temática contudo ainda pouco abordada a nível nacional. Como os ofícios relacionados com a escrita, nomeadamente o tabelionato, conseguiram aumentar o seu poder, quer do ponto de vista político, acedendo a cargos de governação local e concelhio, quer o aumento do seu poder financeiro e por consequência também a sua mobilidade social, tornando-se um cargo de prestígio e honra a nível citadino. Sendo figuras essenciais no quotidiano da governação e vida cidadina, o tabelionato seria também usado pelo poder central para um controlo através da burocracia do poder local. A figura do tabelião começava assim a desenvolver toda uma rede de influências, sendo dependentes de senhores e vassallos do rei, mas também começando a ter os seus próprios criados. O seu poder começa a ser de tal influência, que em Cortes são sucessivas as queixas sobre os seus abusos de poder e intromissões na governação local, ao ponto de ter de haver legislação reguladora do ofício, para o seu controlo.

SESSÃO/SESSION 5

FORMAS DE AUTO-REPRESENTAÇÃO E DE APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO URBANO PELAS ELITES MEDIEVAIS PORTUGUESAS II

Organização: Carla Varela FERNANDES (IEM – NOVA FCSH); Miguel Metelo de SEIXAS (IEM - NOVA FCSH; CHAM - NOVA FCSH; UAc)

Moderador: Luís Filipe OLIVEIRA (IEM – NOVA FCSH)

SINAIS MULTIFORMES DE IDENTIDADE: MUITAS DÚVIDAS E ALGUMAS HIPÓTESES EM TORNO DAS SEPULTURAS MONUMENTAIS DAS ELITES URBANAS NA LISBOA DO SÉCULO XIV

Carla Varela FERNANDES (IEM – NOVA FCSH)

Do conjunto das memórias tumulares das elites urbanas de Lisboa, realizadas durante o criativo e produtivo século XIV, subsistiram alguns parques mas interessantes exemplos. Alguns já mereceram estudos mais aturados, mas outros permanecem ainda à espera de serem perscrutados com maior acuidade. Entre o exemplo de Bartolomeu Joanes, de maior monumentalidade, por implicar não apenas um monumento funerário, mas toda uma capela com fins cemiteriais, até exemplos dos seus companhons (também na Catedral de Lisboa), com particular destaque para Martim Vicente, passando pelo remanescente das estruturas funerárias da família Palhavã (na igreja de S. Domingos), são vários os casos que nos propomos analisar e revisitar. Este estudo terá em conta a documentação existente e as mais recentes investigações sobre estas figuras históricas, assim como os métodos habitualmente recorrentes nos estudos de História da Arte, com o objetivo de perceber melhor qual a relevância artística destas memórias tumulares no quadro da sociedade portuguesa do tempo (em particular da sociedade lisboeta), mas também no quadro geográfico da Cristandade.

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DE PODER DAS ELITES URBANAS: DO DISCURSO HISTORIOGRÁFICO AO DOCUMENTO (REPRESENTAÇÃO VS REALIDADE)

Francisco DÍAZ MARCILLA (IEM – NOVA FCSH)

A narrativa historiográfica “oficial” – redigida sob o patrocínio da monarquia – pode ser considerada uma fonte de informação relevante para conhecer melhor a imagem que, indirectamente, a monarquia tem sobre determinados aspectos, através da pluma do cronista medieval: nesta proposta, o foco irão ser as elites urbanas e o seu espaço de ação. Metodologicamente, a contraposição entre estes discursos oficiais e os documentos da chancelaria, igualmente oficiais, irá permitir descobrir alguns matizes da relação entre a Coroa e os governantes das cidades, e, consequentemente, irá esclarecer o processo de construção da imagem que o poder político quer apresentar através dos canais de propaganda política na época medieval.

Portanto, o presente trabalho visa aprofundar primeiramente essa visão política, mas também cultural, que a elite governante tem sobre as elites urbanas e o seu espaço de ação, e, mais alargadamente, sobre as cidades enquanto agentes políticos. Em segundo lugar, pretende-se fazer uma contraposição dessa representação “oficial” – da relação da Coroa com as cidades e os seus governantes – com os dados que fornece a documentação de chancelaria, à procura das diferenças entre a realidade e a representação ficcional. Estudar-se-ão todos estes aspectos numa dupla dimensão: quer na diacronia existente entre as duas fontes de informação (crónicas e documentos); quer na sincronia das motivações políticas na escrita das crónicas para o momento em que foram redigidas. O âmbito de estudo irão ser os reinos cristãos da Península Ibérica, nomeadamente Portugal e Castela, durante os séculos XIV e XV.

SINAIS MULTIFORMES DE IDENTIDADE: OS ARQUIVOS FAMILIARES DE ELITES URBANAS MEDIEVAIS

Alice Borges GAGO (IEM – NOVA FCSH)

O “Arquivo Almada e Lencastre Bastos” que se encontra depositado na Biblioteca Nacional de Portugal desde 1974 é composto por vários milhares documentos produzidos, recebidos e preservados por diversos grupos familiares entre os séculos XIV e XIX. Nele podemos encontrar os arquivos de algumas famílias portuenses tardo-medievais e modernas, os quais nos permitem, por um lado, traçar os seus percursos sociais e implantação territorial e por outro tentar compreender as suas atitudes face à constituição e gestão dos arquivos familiares, os significados, valores e usos que lhes foram atribuídos no funcionamento da(s) Casa(s) e na construção da sua memória e identidade. Pretende-se ainda reflectir sobre a forma como estas famílias se projectam nos seus arquivos e sobre o interesse e contributo que o estudo deste tipo de arquivos pode trazer para a escrita da história das elites tardo-medievais e modernas portuguesas.

SESSÃO/SESSION 6

A IGREJA NA CIDADE: PODERES, INSTITUIÇÕES, ESPACIALIDADES

Organização: Gonçalo Melo da SILVA (IEM – NOVA FCSH); João Luís FONTES (IEM, NOVA FCSH; CEHR – UCP)

Moderador: Gonçalo Melo da SILVA (IEM – NOVA FCSH)

Religião nascida na cidade, o Cristianismo assumiu desde cedo vínculos estreitos com os espaços urbanos. Nas cidades se fundam e mantêm as sedes episcopais, nelas se radicam também igrejas paroquiais que a Igreja medieval procura instituir como células fundamentais de enquadramento religioso dos fiéis, e é ainda nos núcleos urbanos ou no seu entorno que se instalam muitas ordens religiosas, quer as que procuram acolher e responder positivamente aos desafios pastorais lançados pelas cidades, quer as que apontam as suas limitações e optam pelo ermo como forma de denúncia. Pretende-se contribuir para a análise das estratégias de afirmação das instituições eclesiásticas no espaço urbano através de três casos e ângulos distintos: o poder arquiepiscopal, as colegiadas e os conventos mendicantes. Neles se articulam dimensões diversas, desde o cuidado pastoral e a função mediadora reconhecida e confiada aos clérigos à gestão do património que sustenta e afirma o poder das instituições eclesiásticas ou ao complexo tecido de relações que as liga aos restantes poderes que se cruzam na cidade. Do mesmo modo, procurar-se-á equacionar as próprias implicações da presença destas instituições sobre a urbe, tanto na malha urbana em que se inserem como no povoamento e vida económica da cidade.

A DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO E DAS DÍZIMAS PAROQUIAIS DE COIMBRA NOS FINAIS DO SÉCULO XIV: UM EQUILÍBRIO DE PODERES

Maria Amélia Álvaro de CAMPOS (CHSC – UC; CIDEHUS – UE)

No reinado de D. Fernando, várias cidades foram agravadas pelos conflitos militares entre as coroas portuguesa e castelhana. Para defender populações e núcleos urbanos, o monarca legislará no sentido de repovoar os intramuros. Em Coimbra, tais diretrizes motivaram a deslocação de parte dos habitantes e, consequentemente, a mudança na distribuição da população e das dízimas. Verificou-se, deste modo, uma alteração no equilíbrio de poderes entre as nove paróquias, polarizadas em duas fações: as da cerca e as do arrabalde. As últimas, diminuídas nas suas fontes de financiamento, recorreram à justiça eclesiástica,

num processo onde serão chamados a intervir o bispo de Coimbra, o arcebispo de Braga e o monarca. Através deste processo, devidamente enquadrado na sua conjuntura, problematizaremos questões como: a distribuição populacional de Coimbra durante a Baixa Idade Média; os ritmos da evolução territorial e populacional das paróquias da cidade; a perceção da vontade dos habitantes na escolha do seu local de residência; e as implicações espirituais e tributárias da residência dos habitantes nas diferentes paróquias. A partir deste acontecimento da História de Coimbra, propomos uma análise da intervenção dos poderes laicos (do rei) e eclesiásticos (paroquial e episcopal) no quotidiano urbano e na vida dos habitantes da cidade.

O MOSTEIRO E O BURGO DE ENTRE-OS-RIOS: UMA COMUNIDADE FEMININA NA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA PAISAGEM

Maria Filomena ANDRADE (UAb; CEHR – UCP; IEM – NOVA FCSH)

O mosteiro feminino de clarissas de Entre-os-Rios é fruto da decisão de uma mulher fundadora e das suas estratégias de desenvolvimento patrimonial e afirmação familiar. De terra coutada a burgo é sob a égide do mosteiro das clarissas que se desenvolve e afirma esta região com as suas gentes em torno de uma intensa vida económica e social. Compreender a afirmação de um mosteiro feminino e relacionar a sua vida com a envolvente é o objetivo deste ensaio tendo sempre como horizonte o desenvolvimento de uma povoação que se quer autónoma mas simultaneamente dependente de uma teia de relações que tem o cenóbio das pobres damianitas como pólo central.

CONFRONTO POLÍTICO E IDEOLOGIAS DE PODER EM BRAGA NA BAIXA IDADE MÉDIA: REBELIÃO, COERÇÃO E OBEDIÊNCIA NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XV

Raquel Oliveira MARTINS (Lab2PT; UM; LaMOP; Paris 1)

Como é sabido, Braga regressou ao senhorio arquiépiscopal em 1472, após um interregno de 70 anos, em que havia estado sob senhorio régio. Durante esse período, o concelho não apenas viu consignada a sua existência jurídica como logrou fortalecer o seu poder e prestígio, alargando a sua influência e campo de ação. Pouco tempo após o regresso da jurisdição temporal da cidade às mãos dos arcebispos, o concelho de Braga tomou parte na rebelião que opôs o arcebispo e senhor da cidade ao alcaide-mor de Guimarães, tomando parte pelo segundo. Pretendemos nesta comunicação descortinar, não só o confronto político em si, mas sobretudo as motivações e as ideologias por detrás da eclosão do mesmo. Será que houve interesse numa mudança de paradigma político em Braga, como o vivido entre 1402-1472? E de que maneira as aspirações políticas dos magistrados bracarenses confluíram com os interesses do “invasor” Fernão de Lima? Por outro lado, procuraremos evidenciar o modo como todas estas movimentações se relacionaram com o espaço urbano e até que medida o afetaram na sua geografia e vivência.

SESSÃO/SESSION 7

RECUPERAR O ESPAÇO URBANO MEDIEVAL DA CIDADE DE LISBOA: O OLHAR DA ARQUEOLOGIA

Organização: Manuela LEITÃO (DPC – CML)

Moderador: Amélia Aguiar ANDRADE (IEM – NOVA FCSH)

A análise da forma e evolução dos espaços urbanos não deve dispensar os contributos da arqueologia urbana. De facto, a arqueologia pode constituir a única forma de renovar e/ou complementar a documentação medieval, frequentemente pouco esclarecedora quando refere a organização e a ocupação dos espaços urbanos. A actividade arqueológica em Lisboa conheceu um maior dinamismo a partir da década de 90 do século XX, em grande medida decorrente dos novos instrumentos legais aplicados à salvaguarda patrimonial. Detentora de um subsolo marcado por ocupações humanas contínuas ao longo de 3000 anos, mantém também uma tessitura urbana carregada de heranças morfológicas. Esta sessão evidencia a importância das materialidades arqueológicas para o entendimento das paisagens urbanas medievais, cruzadas com outros olhares. A primeira comunicação faz o ponto de situação sobre o conhecimento arqueológico das sucessivas fases de evolução urbana do sítio de Lisboa, desde a cidade alto-medieval até à formação da urbe cristã, não esquecendo a sua envolvente rural. As comunicações seguintes centram-se em dois exemplos de apropriação e utilização de espaços na antiga

frente ribeirinha em períodos cronológicos distintos (séculos XIII e XIV). A influência da acção régia na organização destes espaços foi particularmente marcante, num dos casos.

LISBOA MEDIEVAL, CIDADE E TERRITÓRIO

Jacinta BUGALHÃO (DGPC; UNIARQ; CEA)

O estudo arqueológico de Lisboa medieval ainda constitui uma área de estudo irregular e com muitas lacunas. Se é certo que a fase final da ocupação islâmica da cidade (entre o final do século X e meados do século XII) tem constituído um objecto de estudo com avanços significativos nas duas últimas décadas, a cidade alto-medieval (entre o século VI e o século X) e a cidade portuguesa medieval (entre a segunda metade do século XII e o século XV) não têm merecido suficiente atenção dos arqueólogos. Situação análoga se pode observar para o estudo arqueológico do território de influência da cidade, sempre vasto mas com configuração, carácter e ocupação seguramente muito distintos durante este longo período. Pretende-se assim, fazer a síntese (possível) do conhecimento arqueológico disponível sobre estas realidades, bem como enumerar as suas principais virtualidades e fragilidades, destacando o imenso potencial das linhas de investigação multidisciplinares entre a Arqueologia e a História.

MURALHA, TERCENAS E JUDIARIA. EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS MEDIEVAIS NA BAIXA DE LISBOA

Artur ROCHA (Investigador independente)

A intervenção arqueológica no Edifício Sede do Banco de Portugal revelou um importante conjunto de dados sobre o urbanismo antigo da Baixa de Lisboa, permitindo caracterizar a evolução de uma parcela da sua frente ribeirinha. Numa linha evolutiva aqui encetada em época romana, o período medieval foi marcado pela acção estruturante de D. Dinis, no reinado do qual são erguidos alguns dos conjuntos arquitectónicos mais relevantes tais como a muralha ribeirinha, as Terceiras ou a Judiaria Pequena. As fontes documentais coevas corroboram a influência da acção régia na organização deste espaço, deixando antever um plano mais alargado de D. Dinis para toda a frente ribeirinha da Baixa, no qual os seus dividendos estariam também assegurados. Serão apresentados os dados mais significativos da acção deste monarca e da sua influência nesta área urbana.

MUROS ENTRE CRISTÃO E JUDEUS: O CASO DA JUDIARIA DE ALFAMA

Manuela LEITÃO (CML)

Os trabalhos de Arqueologia da Arquitectura desenvolvidos no troço de muralha que liga a porta de Alfama a uma torre avançada da “Cerca Velha”, construções preservadas no sector oriental da antiga frente ribeirinha, têm levantado inúmeras questões. Se por um lado foi possível identificar um postigo inédito e percepcionar distintas fases construtivas no conjunto edificado, por outro, tanto as cronologias precisas como a funcionalidade primitiva da torre no contexto defensivo da cidade medieval, continuam por esclarecer. Outra problemática prende-se com o enquadramento neste espaço de uma judiaria com origem no reinado de D. Pedro I. As fontes documentais do século XIV mencionam a judiaria de Alfama delimitada por três muros, um dos quais talvez pertencente à cerca Fernandina, bem como uma sinagoga, cuja proximidade à igreja paroquial de S. Pedro originou tensões e a intervenção do poder régio. Ensaiar uma articulação espacial entre estes elementos, considerando a especificidade do quotidiano judaico e a análise morfológica do tecido urbano existente, constituirá um objectivo desta apresentação.

SESSÃO/SESSION 8

ESPAÇOS E PODERES: ABORDAGENS TRANSVERSAIS II

Moderador: Sara PRATA (IEM – NOVA FCSH)

AS VILAS DO NORDESTE ALENTEJANO COMO FONTES DE RENDIMENTO FISCAL E ASSISTENCIAL DURANTE A IDADE MÉDIA – O CASO DE CASTELO DE VIDE.

Ana Santos LEITÃO (CHUL)

A atuação régia como forma de poder, nomeadamente nas vilas do nordeste alentejano tinha também uma componente mais direta, fundando por si próprios, ou apoiando-se nos mosteiros, locais de auxílio para gafos e outros doentes, ordenando a edificação de albergarias para romeiros, resgatando cativos ou legando esmolas a pobres.

Na zona da serra de S. Mamede, onde Castelo de Vide se insere, as referências documentadas referem-se a 4 albergarias no século XV, nomeadamente à de Portalegre, a de Alegrete, a de Arronches e a de Castelo de Vide. No século XV foi criado um sistema de angariação de recursos destinado a este género de obras, a Arca da Piedade, tratando-se efetivamente de um instrumento de extrema importância no contexto das múltiplas formas de assistência suportadas pela Coroa. No caso de Castelo de Vide, a profusão de contributos para a Arca da Piedade, viriam a revelar-se consideráveis contributos para o rendimento deste sistema, nomeadamente durante o reinado de D. Afonso V. A presente proposta tem assim como objetivo, analisar sobretudo a importância e a relevância que os contributos monetários destas vilas para a Arca da Piedade, nomeadamente a partir das informações documentadas, partindo do caso de Castelo de Vide.

A ÁRVORE NA MALHA URBANA DA ÉVORA MEDIEVAL: UM ELEMENTO DE OSTENTAÇÃO?

André Oliveira da SILVA (CITCEM – UP; CIDEHUS – UE)

Num espaço urbano, quase todos os elementos são humanos: se não foram construídos, foram manipulados, regularizados ou pura e simplesmente conservados por interesse ou conveniência. Numa cidade como a Évora medieval, os elementos vegetais presentes, como as árvores, não podem ser considerados elementos naturais: foram deliberadamente semeados, plantados ou mantidos, selecionados segundo as suas características ou utilidade. Desta forma, devem ser analisados mais como um elemento urbanístico – ainda que se encontrassem, muitas vezes, em espaços privados – do que como uma ocorrência natural. Esta comunicação tem como principal objetivo testar esta perspetiva, analisando as referências documentais a árvores na Évora medieval, distinguindo espécies e procurando perceber se poderão ser associadas a determinados grupos sociais e se, de alguma forma, poderiam constituir símbolos de estatuto e ostentação. Recorrendo aos contratos sobreviventes nos Pergaminhos Avulsos da Biblioteca Pública de Évora, nos fundos medievais do Arquivo Histórico Municipal de Évora e da Misericórdia de Évora – ambos preservados no Arquivo Distrital de Évora –, e no Arquivo da Sé de Évora, pretende-se também contribuir para uma reconstituição mais fiel da paisagem urbana de Évora no final da Idade Média, dando destaque a um elemento raramente tido em conta.

ESTALAGENS E ESTALAJADEIROS NO REINADO DE D. MANUEL I

Rui Pedro NEVES (FLUC – UC)

A presente proposta de comunicação pretende abordar a temática estalajadeira, no período correspondente ao reinado de D. Manuel I. A notícia do surgimento da primeira estalagem em território português, remonta ao ano de 1269, na cidade de Coimbra. Erguidas com o propósito de impedir os frequentes abusos por parte de quem detinha o direito de aposentadoria e, também, como resposta às dificuldades sentidas pelos viajantes que procuravam comida, dormida e guarida ao longo das suas jornadas, as estalagens foram, contudo, repetidamente denunciadas em cortes mercê das más condições que apresentavam. Ao propor-se demonstrar os vários aspetos da rede estalajadeira, alçada no reinado do Venturoso, este estudo, concederá especial atenção ao perfil social dos estalajadeiros, à relação entre mancebias e estalagens, relação essa comprovada, por exemplo, na carta de privilégio de estalajadeiro concedida a Rui Lopes por D. Manuel I e, a partir de um levantamento de dados, à correlação entre espaço urbano e instalação de estalagens no mesmo.

Esta proposta vem no seguimento dos trabalhos já desenvolvidos relativos a D. Afonso V, D. João II e D. João III, apresentando um período cronológico até agora desconhecido à historiografia, no que a esta temática diz respeito.

SESSÃO/SESSION 9

A MATERIALIDADE DOS PODERES URBANOS NA CIDADE MEDIEVAL (SÉC. XII – XV)

Organização: Maria do Carmo RIBEIRO (Lab2Pt; ICS; UM)

Moderador: Amélia Aguiar ANDRADE (IEM – NOVA FCSH)

A acção de diferentes poderes foi determinante no aparecimento e desenvolvimento dos aglomerados urbanos ao longo da Idade Média. De igual modo, a manifestação dos poderes medievais (régio, senhorial ou eclesiástico, concelhio ...) foi muitas vezes materializado através da construção de espaços e arquiteturas, nomeadamente de infraestruturas, como as muralhas, de edifícios públicos mas também pela posse de propriedades urbanas, na abertura de ruas, largos ou praças, ou na conformação de bairros ou quarteirões, contribuindo para a formação da paisagem urbana. Deste modo, através da análise do estudo das materialidades é igualmente possível avaliar e dimensionar a importância dos diferentes poderes urbanos.

O estudo da materialidade dos poderes urbanos na cidade medieval beneficia atualmente de abordagens multidisciplinares que cruzam diferentes tipos de fontes, nomeadamente escritas, arqueológicas, iconográficas e cartográficas, onde o edificado histórico assume particular relevância, por constituir, apesar das sucessivas alterações e reutilizações, uma materialidade possível de ser cartografada e interpretada no âmbito do espaço urbano medieval.

Através da análise de alguns aglomerados urbanos portugueses, nomeadamente Ponte de Lima, Barcelos, Braga e Chaves, esta sessão pretende contribuir para o estudo dos espaços de poder na cidade medieval, enquanto materialidade que concorre para a análise dos diferentes poderes urbanos.

O PODER DE FABRICAR A PAISAGEM URBANA MEDIEVAL. MATERIALIDADES E DISCURSOS NA CIDADE MEDIEVAL DE BRAGA

Maria do Carmo RIBEIRO (Lab2Pt; ICS; UM)

O objetivo desta comunicação é analisar as materialidades urbanas que permitem documentar a atuação dos diferentes poderes na formação e desenvolvimento da cidade medieval de Braga. Pretende-se, através da análise de diferentes tipos de fontes, nomeadamente escritas, arqueológicas, iconográficas e cartográficas, mas também do edificado histórico, documentar os espaços que resultaram da manifestação dos diferentes poderes urbanos e, simultaneamente, questionar as razões que estiveram na origem da sua construção ou transformação ao longo da Idade Média. Na realidade, apesar da cidade de Braga se constituir couto episcopal em 1112, as tensões entre o poder dos arcebispos e o poder régio foram frequentes, colocando em causa a própria jurisdição dos arcebispos na cidade. Tensas foram, por vezes, também a relação entre os poderes urbanos locais, nomeadamente o episcopal e o municipal. Importa, neste sentido, analisar os espaços e arquiteturas de poder na cidade, quem os promoveu, as razões que justificaram a sua construção e arquitetura, bem como se refletem e/ou como refletem a manifestação e tensões existentes entre os diferentes poderes. Trata-se, de procurar interpretar o significado, o discurso ou mensagem subjacente às materialidades dos poderes urbanos.

O EDIFICADO ENQUANTO MATERIALIZAÇÃO DE PODER E A ESTRATIFICAÇÃO DA PAISAGEM MEDIEVAL DE BARCELOS

António PEREIRA (UM)

A presente comunicação pretende apresentar os resultados de uma análise efetuada ao edificado urbano medieval de Barcelos, centrada na forma como as edificações de cariz senhorial, militar e religioso, constituíram, entre os séculos XIV e XV, uma representação material dos diferentes poderes em coexistência no tecido urbano barcelense.

A complexidade inerente ao urbanismo medieval congrega no espaço urbano diversas manifestações de poder frequentemente materializadas pela ação de edificar. Neste sentido, o estudo do edificado medieval de Barcelos, a partir dos vestígios materiais e do seu processo de estratificação, mais do que resultar numa leitura diacrónica do edificado, pretende constituir uma contribuição para a compreensão dos impactos produzidos pelas edificações na organização do espaço urbano.

Partindo de um enquadramento multidisciplinar assente na Arqueologia e nos Estudos de Morfologia Urbana, a presente análise contempla uma abordagem metodológica que emprega o cruzamento de diferentes fontes, nomeadamente entre o edificado urbano, enquanto fonte principal, as fontes escritas e as fontes gráficas.

Como resultado, pretende-se com esta comunicação contribuir com novas interpretações para a evolução do urbanismo medieval de Barcelos, nomeadamente a partir das alterações dinâmicas introduzidas pelas edificações enquanto representações de poder no espaço urbano.

OS ESPAÇOS DOS MESTERES NAS CIDADES E NAS SUAS PERIFERIAS: A INTERVENÇÃO DOS PODERES URBANOS

Arnaldo Sousa MELO (LAB2Pt; ICS; UM)

As cidades medievais eram locais propícios à instalação e desenvolvimento de várias atividades mesterais, correspondendo a diversas tarefas de transformação industrial ou artesanal, associada, ou não, a atividades comerciais ou mercantis diretas. Os diversos mestres, em algumas cidades muito numerosos e diversificados, apresentavam diferentes necessidades de implantação no espaço, variando muito de para mester, mas também por vezes de cidade para cidade. Uns mais localizados em determinadas zonas do centro urbano, outros nas periferias e arrabaldes mais ou menos próximos. Uns podiam localizar-se em qualquer tipo de espaço, de modo mais disperso ou mais concentrado, outros preferencialmente ou obrigatoriamente se juntavam em determinados locais. Estas várias possibilidades podiam derivar de simples opções dos mestres derivadas de questões económicas ou técnicas, mas noutros casos eram o resultado do controlo e imposição das autoridades urbanas, proibindo certos mestres em determinados locais, ou impondo obrigatoriamente a concentração de outros em espaços definidos. Assim, neste artigo partindo dos exemplos de algumas das principais cidades portuguesas medievais, como Lisboa, Porto, Évora, Braga, Guimarães e Loulé, procuraremos caracterizar estas realidades, bem como as diversas formas como os distintos poderes urbanos intervinham nessa definição dos espaços das atividades dos mestres.

SESSÃO/SESSION 10

JUDEUS E CRISTÃOS NAS CIDADES MEDIEVAIS PORTUGUESAS: ESPAÇOS E PRÁTICAS

Moderador: Maria João BRANCO (IEM – NOVA FCSH)

JUDEUS E JUDIARIAS EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XIV E XV: INDÍCIOS DE UMA CULTURA REACTIVA

José Alberto TAVIM (CHUL)

A investigação realizada no âmbito do projecto “Portuguese Jewish Mediaeval Sources”, que contou com o patrocínio da Fundação Rothschild, incidindo sobretudo em documentação provincial, à guarda dos arquivos municipais, distritais, da própria Torre do Tombo, e outros, permitiu-nos apurar indícios de uma cultura reactiva, não obstante a sua dependência do poder régio.

As judiarias aparecem-nos nessa documentação com a dimensão de espaços necessariamente negociados para a manutenção de uma identidade, e não apenas como espaços impostos, visto que o propósito fundamental era a redenção final. Os judeus estavam conscientes da situação precária em que se encontravam, em diáspora, e tal repercutia-se quer na sua concepção do seu espaço, quer da necessidade de manter a sua existência religiosa, nem que para tal houvesse uma adaptação a formalismo legais do reino, como por exemplo os actos de empraçamento. Por outro lado, também é verdade que os judeus não estavam restringidos aos espaços das judiarias, nem estas eram, por vezes, vedadas às vivências de cristãos.

O nosso objectivo, com esta comunicação, é reflectir sobre a concepção e utilização de espaço para os judeus do Portugal Medieval, tendo em conta o núcleo de documentação apurado.

SÍMBOLOS E MARCAS RUPESTRES NO CENTRO HISTÓRICO DE CASTELO DE VIDE: UM CONTRIBUTO PARA A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO JUDAICO

Sílvia RICARDO (CHAIA) João MAGUSTO (CMCV)

No âmbito de uma proposta apresentada à Câmara Municipal de Castelo de Vide pela Rede de Judiarias de Portugal, foi elaborado em 2013, um “Levantamento dos Elementos Arquitectónicos e Simbologia/ Marcas no centro histórico de Castelo de Vide”. Este trabalho resultou num inventário arquitectónico de marcas e símbolos, em baixo relevo, existentes nas ombreiras e lintéis de portais dentro do espaço intramuros da vila. De entre as várias marcas, foram seleccionadas as existentes na zona delimitada como correspondendo à judiaria de Castelo de Vide, que variam desde mezuzah's a simples marcas de ofícios. Em termos metodológicos, foi efectuada pesquisa documental, redigida uma ficha de levantamento que se baseou em

registos “porta a porta”. Por fim, foram elaborados mapas com a devida sinalização das ocorrências. Pretendemos com esta comunicação dar a conhecer os resultados obtidos no âmbito deste trabalho, abordando as opções metodológicas adoptadas e as problemáticas inerentes à atribuição cronológica e à interpretação destes símbolos. Espera-se ainda com a divulgação deste trabalho contribuir para o estado actual da investigação, melhorando o conhecimento e a valorização do espaço da judiaria de Castelo de Vide.

O CONVENTO DE SÃO DOMINGOS EM LISBOA E A LITERATURA ARQUEOLÓGICA DAS SUAS “HORTAS” ENTRE OS SÉCULOS XIII E XV Rodrigo Banha da SILVA (CAL – CML; CHAM – NOVA FCSH/UAc)

De data incerta de fundação, o primeiro convento dominicano de Lisboa estabeleceu-se nos meados do séc. XIII junto a uma das principais vias de acesso à cidade, a «corredoura». Graças aos trabalhos arqueológicos desenvolvidos na Praça da Figueira, entre 1999 e 2001, sabemos hoje que a zona sofrera de forma parcelar a expansão urbana verificada na etapa final do domínio islâmico, Almorávida, constatando-se uma retracção ao longo da segunda metade da mesma centúria, já sob o domínio português. Aparentemente, no séc. XIII a área veria reforçado o seu carácter periférico, fornecendo evidências predominantemente conectáveis com actividades agrícolas ali desenvolvidas. A partir da segunda metade do séc. XIII os terrenos seriam designados na documentação como «Hortas de São Domingos», porque anexos ao complexo conventual confinante. Nunca perderam, portanto, a índole agrícola que assumiram a partir da Antiguidade Tardia, mantida ao longo de toda a Idade Média.

A arqueologia do lugar demonstra, todavia, a existência de um momento de ruptura clara nos momentos da transição da posse para a ordem mendicante, e são as expressivas expressões materiais arqueológicas de suporte desta leitura que agora se apresentam, como os dados relativos às dinâmicas ulteriores, documentadas no espaço até aos finais do séc. XV.

IGREJA DE S. PEDRO DE ÉVORA DURANTE O SÉCULO XV: UMA VISÃO SOBRE A SUA ACTIVIDADE MUSICAL E RELAÇÃO COM A CATEDRAL DA CIDADE

Luís HENRIQUES (CESEM – NOVA FCSH; UE)

São escassas as referências no que respeita à actividade musical na cidade de Évora até ao início do século XVI, resumindo-se a ocorrências muito vagas em torno da actividade na Catedral. Sobrevive ainda alguma música, composta por fragmentos de livros litúrgicos, com ou sem notação musical, sem ser possível precisar com grande certeza a sua proveniência. Porém, a ausência de fontes directas não inviabiliza uma visão, embora de forma incompleta, sobre algumas das práticas musicais através de referências indirectas que sobreviveram até à actualidade. Este estudo analisa as fontes do século XV provenientes da Igreja de S. Pedro, compostas por documentação administrativa paroquial, no sentido de uma tentativa de reconstrução da estrutura eclesiástica desta Colegiada e o tipo e dimensão da sua actividade musical ao longo do século XV. Por outro lado, também se procura relacionar a actividade a Igreja de S. Pedro com a Catedral, uma vez que o priorado de S. Pedro era decisão do Bispo de Évora. Este tipo de relacionamento certamente terá influenciado a liturgia musical desta igreja, nomeadamente através do chamado Uso de Évora – uma liturgia local – e a sua implementação na cidade.

SESSÃO/SESSION 11

MARCAS URBANAS E EXPRESSÕES DE PODER EM LISBOA A PARTIR DA ARQUEOLOGIA

Organização: António MARQUES (CAL – CML); Rodrigo Banha da SILVA (CAL – CML; CHAM – NOVA FCSH/UAc)

Moderador: Rodrigo Banha da SILVA (CAL – CML; CHAM – NOVA FCSH; UAc)

Na sessão reúnem-se contributos arqueológicos da cidade de Lisboa para a perspetivação de poderes na cidade da Idade Média. Procurou-se, na sessão, trazer ao conhecimento dados essencialmente inéditos, obtidos no âmbito de projetos em curso, perseguindo uma diversidade temática, cronológica e metodológica, que mostrassem a riqueza e o potencial informativo da cidade. Tendo em conta os objetivos da reunião, apresentam-se pela primeira vez leituras de síntese do cruzamento de dados estratigráficos, artefactuais e

construtivos relativos a várias intervenções efetuadas sobre a cidade da Antiguidade Tardia à Baixa Idade Média, procurando demonstrar a multiplicidade de expressões que os vários poderes podem assumir no registo arqueológico lisboeta.

A “CERCA VELHA” DE LISBOA NA ANTIGUIDADE TARDIA E IDADE MÉDIA: NOVAS LEITURAS A PARTIR DAS FONTES ARQUEOLÓGICAS
Nuno MOTA (CAL – CML); Marina CARVALHINHO (CAL – CML); Pedro Miranda (UITCHB – CML)

A comunicação pretende trazer à discussão os resultados de várias intervenções arqueológicas realizadas na última década, ao longo do troço de muralha antiga, vulgarmente conhecida como “Cerca Velha”.

As escavações e os trabalhos de arqueologia da arquitetura desenvolvidos pelos signatários nos edifícios da Rua Norberto de Araújo, 9 e 21-29, Largo do Contador-Mor, 17-22, no espaço exterior do Pátio de Dom Fradique (lanço Oriental), Largo de Santo António da Sé, 3-5 e via pública, Rua do Milagre de Santo António (lanço Ocidental), enquadradas em operações municipais de reabilitação urbana e num projeto municipal de estudo e valorização das muralhas, permitiram descobrir uma série de novas informações sobre a evolução histórica da estrutura defensiva.

Esta obra plúrima e estruturante da cidade antiga, o perímetro muralhado da medina islâmica, encontra no lanço Oriental o seu mais extenso trajeto conservado na cidade atual. Nos seus vestígios contém evidências estratigráficas e artefactuais que nos remetem para o sistema defensivo de Época Romana Republicana e exhibe, ao longo dos seus paramentos, os episódios construtivos de Época Romana Imperial, mas sobretudo da Antiguidade Tardia, da Época Medieval Islâmica e Cristã, possibilitando uma leitura diacrónica do maior interesse científico e patrimonial.

UMA MESQUITA NO ARRABALDE OCIDENTAL DE AL-UŠBŪNA

Ana CAESSA (CAL – CML); Cristina NOZES (CAL – CML) e Nuno MOTA (CAL – CML)

Em 2015, o CAL teve oportunidade de intervir arqueologicamente no edifício pombalino sito na Rua da Conceição, nº 73-77, que se sabia assentar sobre um criptopórtico romano vulgarmente conhecido como “Galerias da Rua da Prata”.

Para além de novos dados sobre a superestrutura desse monumento, os trabalhos de escavação permitiram, também, registar outras estruturas de época posterior à romana e anterior à pombalina. Do conjunto destaca-se um edifício de Época Medieval Islâmica, representado por alicerces de alvenaria que se desenvolveriam com paredes em taipa, estucadas a branco no interior. Compondo uma planta rectangular com abside orientada a Sudeste, que parece denunciar uma função religiosa, esta construção aparenta ter sido uma pequena mesquita do subúrbio ocidental de al-Ušbūna.

Partindo da análise das características desta estrutura, da sua implantação e da interpretação dos contextos escavados, procurar-se-á traçar a diacronia de ocupação do espaço desde a Antiguidade Tardia até à construção deste edifício inserido numa nova malha urbana.

“UM PODER DO OUTRO MUNDO”: O DEMÓNIO DA CASA DA SEVERA LISBOA

António MARQUES (CAL – CML); Tânia CASIMIRO (IHC – NOVA FCSH)

Escavações arqueológicas na Casa da Severa puseram a descoberto contextos arqueológicos que se podem balizar entre os finais do século XII e os finais do século XV. Foram identificados ambientes domésticos cuja cultura material e restos faunísticos fazem associar sobretudo à comunidade muçulmana, apesar do contexto cristão em que a mesma está inserida, ao longo deste período. Entre os diversos achados de uso quotidianos, tais como cerâmicas, metais e vidros, foi recuperado molde em cerâmica onde era possível moldar pequena estatueta, em metal, que associamos a uma figura demoníaca. As suas características físicas com cascos e pernas de animal, chifres e falo, em muito inspirados nos faunos clássicos, sugerem estarmos perante um pequeno demónio (Incubus). Tais estatuetas são raras nos contextos arqueológicos europeus e a sua funcionalidade parcamente conhecida, no entanto, a figura em questão encontra semelhanças com representações iconográficas produzidas na Europa medieval cristã. Este trabalho pretende a análise desta estatueta como representação de actividades ocultas tais como a invocação de demónios, associadas a um contexto medieval lisboeta claramente popular.

SESSÃO/SESSION 12

MARCAS DE PODER NO ESPAÇO URBANO

Moderador: María ASENJO GONZÁLEZ (UCM)

LAISSER DES TRACES: EMPREINTES DU POUVOIR DANS L'ESPACE URBAIN DU SAINT EMPIRE ROMAIN GERMANIQUE À LA FIN DU MOYEN ÂGE
Gisela Naegle (JLU)

L'empereur-roi et les seigneurs laissèrent de très nombreuses traces physiques et symboliques dans l'espace urbain de 'leurs' villes. Les images et descriptions de la chronique universelle de Hartmann Schedel (1493) en témoignent. Des bâtiments emblématiques comme le château de Nuremberg, le château fort épiscopal de Würzburg etc. contribuèrent à créer une sorte d'"image de marque" de certaines villes. Dans son autobiographie, l'empereur Charles IV souligne qu'à son retour à Prague, il fit reconstruire « un grand et beau palais, tel qu'il s'offre aujourd'hui aux regards ». Par contre, en 1377, son siège d'Ulm amena la ville à commencer la construction du Münster. Images et symboles pouvaient renforcer le lien entre la ville et l'empire (représentations de Charlemagne, des princes électeurs etc.). Visites impériales et princières et leurs itinéraires concrets dans les villes furent commentés par les chroniqueurs. Elles pouvaient provoquer des incidents diplomatiques révélateurs de tensions, par exemple, les chroniqueurs bourguignons célébrèrent le voyage de leur duc à la diète de Ratisbonne (1454). Pour auteurs allemands, son accueil dans certaines villes était un défi au pouvoir de l'empereur. La conférence examinera de telles concurrences d'images et d'actions symboliques, ainsi que les tentatives de créer des "empreintes" physiques durables.

LE FAÇONNEMENT URBAIN D'UNE PETITE VILLE MÉDIÉVALE PAR L'INTERACTION DES POUVOIRS: LE CAS DE BILLOM (AUVERGNE, FRANCE)

Thomas AREAL (UCA)

La petite ville de Billom a la particularité d'accueillir en son sein de nombreux détenteurs d'un pouvoir. L'évêque de Clermont est le seigneur du lieu, dont la communauté d'habitants dispose d'une représentation par voie consulaire. Le roi de France accorde la protection à la ville, faisant d'elle l'une des Bonnes Villes de la province, tout en plaçant aussi sous sa sauvegarde la collégiale Saint-Cerneuf, véritable contre-pouvoir au sein de la localité face à l'évêque, seigneur temporel.

L'étude des interactions entre ces différents acteurs détenteur d'un pouvoir, durant la seconde partie du Moyen Âge (XIe-XVe siècles), démontre qu'en usant de leur pouvoir, ils ont modelé la ville de Billom et son espace. L'objectif de la présente communication est donc d'analyser comment ententes, négociations ou luttes ont façonné l'espace urbain de la petite ville de Billom, à l'aide des sources qui nous sont parvenues.

PODER E ARQUITECTURA URBANA: A CASA-TORRE NO PORTO MEDIEVAL

Silvana SOUSA (FLUP)

Os espaços de habitação do período medieval permanecem ainda, em parte, por compreender, mas é aceite que estes não seriam entendidos como hoje, apenas como espaços privados e familiares. Neste sentido, com esta comunicação, pretende-se demonstrar como a casa medieval surge enquanto local onde várias facetas da vida privada e pública se cruzam, variando consoante a sua localização (urbana ou rural) e o estatuto socioeconómico de quem a habita e constrói (ou manda construir). Portanto, parece-nos importante perceber se a construção em altura nas cidades medievais não se relaciona apenas com as chamadas casas-torre (que normalmente associamos a casas de famílias nobres e com a domus fortis em contexto rural), mas também com a elevada procura de terreno. Na cidade do Porto, espaço urbano sobre o qual incide esta análise, a solução passa por se construir em altura com vários andares acima do rés-do-chão, cruzando a necessidade de espaço com a oportunidade de ostentar e mimetizar práticas e gestos de uma classe à qual não se pertence, mas que se deseja igualar.

Lista de abreviaturas / list of abbreviations

Afilições académicas e profissionais / Academic and professional affiliations

CAL	Centro de Arqueologia de Lisboa
CAM	Campo Arqueológico de Mértola
CEA	Centro de Estudos Arqueológicos
CEHR	Centro de Estudos de História Religiosa
CESEM	Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical
CHAIA	Centro de História de Arte e Investigação Artística
CHAM	Centro de Humanidades
CHSC	Centro de História da Sociedade e da Cultura
CHUL	Centro de História da Universidade de Lisboa
PIUDHist	Programa Interuniversitário de Doutoramento em História: mudança e continuidade num mundo global
CIDEHUS	Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades
CITCEM	Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»
CMCV	Câmara Municipal de Castelo de Vide
CML	Câmara Municipal de Lisboa
DGPC	Direção Geral do Património Cultural
DPC	Departamento de Património Cultural
FLUC	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
ICS	Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
IEM	Instituto de Estudos Medievais
IHC	Instituto de História Contemporânea
JLU	Justus-Liebig Universität
Lab2PT	Laboratório de Paisagens, Património e Território
LaMOP	Laboratoire de médiévistique occidentale de Paris
NOVA FCSH	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
Paris 1	Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne
U. Lumière Lyon 2	Université Lumière Lyon 2
UAb	Universidade Aberta
UAc	Universidade dos Açores
UCA	Universidad de Cádiz
UCM	Universidad Complutense de Madrid
UG	Universidad de Granada
UC	Universidade de Coimbra
UITCHB	Unidade de Intervenção Territorial Centro Histórico Baixa (Lisboa)
ULR	Université de La Rochelle
UM	Universidade do Minho
UNIARQ	Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
UNICAN	Universidad de Cantábria
UNIOVI	Universidad de Oviedo
UP	Universidade do Porto
UCP	Universidade Católica Portuguesa
UE	Universidade de Évora

ÍNDICE DE COMUNICANTES/SPEAKERS INDEX

A

Alice Borges GAGO
 Álvaro Solano FERNÁNDEZ-SORDO
 Amélia Aguiar ANDRADE
 Ana CAESSA
 Ana Clarinda CARDOSO
 Ana Pereira FERREIRA
 Ana Santos LEITÃO
 André Oliveira da SILVA
 Antonio Malpica Cuello
 Antonio Malpica Cuello
 António MARQUES
 António PEREIRA
 Arnaldo Sousa MELO
 Artur ROCHA

B

Beatriz ARÍZAGA BOLUMBURU

C

Carla Varela FERNANDES
 Cristina NOZES

D

Denis Menjot

F

Francisco DÍAZ MARCILLA

G

Gisela NAEGLÉ
 Gonçalo Melo da SILVA

J

Jacinta BUGALHÃO
 Javier AÑIBARRO
 Joana SEQUEIRA
 João Luís FONTES
 João MAGUSTO
 José Alberto TAVIM

L

Leandro FERREIRA
 Luís Filipe OLIVEIRA
 Luís HENRIQUES

M

Manuela LEITÃO
 Maria Amélia Álvaro de CAMPOS
 María ASENJO GONZÁLEZ
 María del Carmen JIMÉNEZ ROLDÁN
 Maria do Carmo RIBEIRO
 Maria do Rosário MORUJÃO
 Maria Filomena ANDRADE
 Maria João BRANCO
 Marina CARVALHINHOS
 Mário FARELO
 Marta LEITÃO
 Michel BOCHACA
 Miguel Cipriano COSTA
 Miguel Metelo de SEIXAS

N

Nuno MOTA

P

Pau de SOTO
 Pedro MIRANDA

R

Raquel de Oliveira MARTINS
 Rodrigo Banha da SILVA
 Rui Pedro NEVES

S

Sara PRATA
 Silvana SOUSA
 Sílvia RICARDO

T

Tânia CASIMIRO
 Thomas AREAL

V

Virgílio LOPES

VISITAS GUIADAS

5 de Outubro

Castelo de Vide

Implantada numa crista de monte, a Notável Vila de Castelo de Vide desenvolve-se sobre um terreno sinuoso e conserva um urbanismo orgânico muito particular e onde o Castelo de o Burgo Medieval são testemunhos vivos da sua história.

Uma parte importante da tradição desta vila materializa-se na sua Judiaria. Os símbolos talhados nas ombreiras das portas ogivais e o Museu da Sinagoga evocam a vivência da comunidade que aqui viveu e a herança judaica que Castelo de Vide regista.

7 de Outubro

Ammaia

A cidade de Ammaia é o vestígio mais representativo de Época Romana na região do Alto Alentejo. Econtrase na freguesia de São Salvador de Aramenha (concelho de Marvão), e os seus vestígios estendem-se por uma área aproximada de 25 ha.

Localizada na metade sul da província da Lusitânia, a cerca de 100 km da capital Emerita Augusta, a Ammaia recebe o estatuto de civitas por volta do ano 44/45 d.C., sendo elevada a mvnicipiwm ainda durante o século I.

Hoje em dia, as ruínas são geridas pela Fundação Cidade Ammaia. Fruto de várias campanhas de escavação, podem-se visitar as ruínas expostas em três áreas: a Porta Sul, as termas e o fórum. No Museu expõem-se uma notável colecção de artefactos arqueológicos de época romana recuperados durante as escavações na cidade.

Marvão

O centro histórico de Marvão é o território alentejano com maior altitude, numa paisagem marcada pelo rio Sever, em pleno coração do Parque Natural da Serra de São Mamede. A vila deve o seu topónimo a Ibn Marwan, a quem se atribui a sua fundação nos finais do século IX.

A fortaleza que chegou até aos nossos dias é o resultado de sucessivas reformas ao longo dos séculos, desde a primitiva Alcáçova ao perímetro abaluartado, no Castelo de Marvão conservam-se de forma exemplar as diversas fases da sua construção, como um documento vivo de arquitectura militar.



Castelo de Vide

GUIDED TOURS

October 5th

Castelo de Vide

Settled on a mountain ridge, Castelo de Vide spreads across a sinuous ground and preserves a very peculiar organic urbanism, where the Castle and the medieval borough are history's living witnesses.

An important part of this village's tradition is preserved in the Jewish quarter. The symbols carved into the ogival doors and the Museum of the Synagogue appeal to the daily lives of the community that once lived here, and Castelo de Vide's Jewish heritage.

October 7th

Ammaia

The town of Ammaia is the most significant remain of the roman period in the region o Alto Alentejo. Situated in São Salvador da Aramenha (Marvão), its remains spread over an area of about 25 ha.

This town was located in the Sothern half of the Lusitania province, about 100 km from its capital Emerita Augusta. It got the status of civitas around 44/45 d.C. and it was elevated to mvnicipvm in the 1st century.

Today, the ruins are managed by Fundação Cidade Ammaia. Due to several excavations it's possible to visit three main areas: the southern door, the thermal complex and the forum. In the Museum there is a remarkable collection of roman archaeological artefacts recovered during the excavation of the city.

Marvão

Marvão's historical centre is the highest territory in the Alentejo region, a landscape marked by the river Sever, in the heart of the Serra de São Mamede Natural Reserve. The village owns its name to Ibn Marwan, who is known as being responsible for its foundation, by the end of the 10th century.

The fortress how we see it today is the result of a series of transformations throughout the centuries, since the primitive citadel to the bastions enclosure, the Marvão Castle exceptionally preserves the different phases of its construction, as a living document of military architecture.



Marvão

